

INCLUSÃO E DIVERSIDADE HUMANA: VIVENCIANDO LINGUAGENS

Suellen da Rocha Rodrigues - Graduanda de Pedagogia, bolsista de Extensão / UERJ
Edicléa M. Fernandes - Professora Adjunta do Departamento de Educação Inclusiva e
Continuada da Faculdade de Educação / UERJ e Coordenadora do Núcleo de
Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEI)

Este trabalho é uma ramificação do Projeto de Extensão “Inclusão e Diversidade Humana: Vivenciando Linguagens”, vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEI) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e tem como coordenadora a professora Edicléa Mascarenhas Fernandes. O projeto é de natureza qualitativa, realizada no cotidiano das classes regulares inclusivas, e objetiva contribuir para a formação continuada dos professores e com a avaliação das potencialidades afetivas, cognitivas, motoras e lingüísticas dos alunos com necessidades educativas especiais, identificando as áreas de necessidades para a promoção de adaptações curriculares. Através desse projeto os professores aprendem não só a compreender como também a lidar com as especificidades educacionais de cada alunado, de acordo com a sua deficiência ou necessidades educativas especiais, e com base nesse conhecimento observam a importância das adaptações curriculares dentro da sala de aula.

O MEC/SEF/SEESP propõem que as adaptações curriculares para a educação especial tenham como principal objetivo promover o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, tendo como referência a elaboração do projeto político pedagógico e a implementação de práticas inclusivas no sistema escolar. Essas adaptações podem ser de grande porte ou significativas (que são de responsabilidade das instituições de ensino, como: rampas, banheiros adaptados, acesso a qualquer um dos ambientes da escola por parte do aluno com necessidades educativas especiais, etc.) e as de pequeno porte ou não-significativas (que são as realizadas pelo professor com o intuito de permitir e promover a participação de maneira produtiva dos alunos que apresentam necessidades educativas especiais) que serão abordadas mais profundamente nesse trabalho.

O MEC ainda propõe uma classificação para as adaptações curriculares:

- Adaptações de grande porte ou significativas: organizativas, relativas aos objetivos e conteúdos, nos procedimentos didáticos, na temporalidade e avaliativas.

- Adaptações de pequeno porte ou não-significativas: na acessibilidade, nos objetivos, nos conteúdos, nas metodologias e na organização didática, na temporalidade e avaliativas.

Podemos observar que é possível encontrar algumas repetições nas duas classificações de adaptações curriculares, isso ocorre pelo fato delas estarem ligadas e que algumas vezes para que ela sejam implementadas de maneira eficaz é necessário que ocorram nas duas.

Como foi dito anteriormente neste trabalho abordaremos como adaptações curriculares, as adaptações de pequeno porte ou adaptações não significativas, que são as realizadas pelo professor e que ocorrem no cotidiano escolar. Essas adaptações curriculares fazem parte de um conjunto de modificações que se realizam nos objetivos, conteúdos, critérios e procedimentos de avaliação, atividades e metodologias para atender às diferenças individuais dos alunos com ou sem necessidades educativas especiais.

“As adaptações curriculares não-significativas (ou de pequeno porte) são promovidas pelo professor, ampliado as possibilidades de participação e aprimorando a aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais. A sua implementação não exige a autorização de qualquer outra instância política, técnica ou administrativa, ocorrendo no cotidiano da sala de aula. Isto significa, portanto, que elas são mais simples de serem realizadas, e não que sejam menos importantes, como o termo “não-significativas” pode fazer pensar.” (OLIVEIRA, etal)¹

Ou seja, as adaptações curriculares de pequeno porte não possuem menor importância do que as de grande porte, elas apenas são realizadas em ambientes diferentes, possuindo assim cada uma a sua relevância em determinado momento.

Para o projeto, as adaptações de pequeno porte possuem uma grande importância na vida acadêmica de seus alunos, e por este motivo são realizadas as OCAs (Oficinas de Currículo e Adaptações) que tem como principal objetivo preparar os professores ou futuros professores a receberem seus alunos com necessidades educacionais especiais da melhor maneira possível, dando a todos as mesmas oportunidades de aprendizagem.

As OCAs, como já foi dito, são oficinas realizadas com o intuito de dar suporte aos professores ou futuros professores que desejam dar uma melhor oportunidade de aprendizagem para os seus alunos. Elas podem ocorrer na UERJ, através de oficinas realizadas na instituição ou nas disciplinas “Educação Inclusiva e Cotidiano Escolar” e “Práticas Pedagógicas em Educação Inclusiva”, e nas instituições de ensino públicas ou privadas, que apresentem interesses em obter um maior diálogo com os seus educandos, como

¹ GLAT, Rosana (Org.). Educação Inclusiva: Cultura e Cotidiano Escolar. Rio de Janeiro. Ed. 7 Letras, 2007

a parceria estabelecida com o Colégio Pedro II, unidade de São Cristóvão através da professora Maria Aparecida Etelvina Ivas Lima, que de uns anos pra cá vem recebido uma quantidade significativa de alunos com necessidades educacionais especiais e tem por tanto, procurado com o apoio desse projeto estabelecer uma melhor qualidade de ensino para os seus alunos.

Nas OCAs são realizadas palestras que buscam mostrar aos participantes a importância que as adaptações curriculares possuem no aprendizado dos alunos com necessidades educacionais especiais, demonstrando assim, que o material auxilia não só no desenvolvimento desse indivíduo dentro da escola como também fora dela. Ao final da palestra os participantes são convidados a montarem uma adaptação. Na maioria das vezes as adaptações são confeccionadas com material reciclado ou de fácil acesso, isso ocorre para que o participante perceba que não é difícil construir as adaptações, ou seja, que basta o professor ter boa vontade, que ele poderá e muito ajudar o seu aluno a aprender de maneira mais “fácil” a disciplina dada em sala, dando assim a mesma oportunidade de aprendizado que é dado ao aluno dito “normal”. Na maioria das vezes as adaptações não só auxiliam no aprendizado do aluno com necessidades educacionais especiais, como também dos sem necessidades educacionais especiais, pois fazem com que a aula ocorra de forma mais dinâmica, descontraída; sem aquele ensino formal, onde o professor apresenta apenas a parte didática do conteúdo.

Assim que as adaptações curriculares chegam ao NEI, são devidamente fotografadas, catalogadas em fichas, e arquivadas; passando por tanto a fazerem parte de seu acervo. Essas adaptações curriculares ficam a disposição no NEI, para qualquer pessoa que queira conhecer tal material.

As adaptações curriculares fazem parte da política de Educação Inclusiva que busca igualar a qualificação dos conteúdos e conceitos do ensino transmitido aos seus alunos. Essa política é de total responsabilidade do governo e dos sistemas escolares e tem por objetivo a implementação de um modelo novo de escola na sociedade atual, modelo esse, que busca dar não só o acesso, e sim dar o suporte para a permanência de todos os alunos dentro da escola. Afinal, Educação Inclusiva não significa apenas matricular o aluno na escola, mas sim dar a ele a possibilidades dele ter sucesso acadêmico dentro da dela.

Segundo OLIVEIRA, et al, as adaptações curriculares são “ajustes” presentes no currículo escolar do aluno, para que assim ele possa se apropriar das diversidades deles; ou seja, para que esse currículo se torne um currículo verdadeiramente inclusivo, é preciso que ele sofra

alguns “ajustes” que permitam aos alunos enfrentar as suas dificuldades, e assim o currículo se torna mais flexível e dinâmico atendendo toda população acadêmica.

Grande parte das instituições de ensino tem como principal objetivo padronizar os seus alunos e por isso aqueles que não se enquadram a esse padrão passam a serem vistos como alunos incapazes, inferiores dos demais. É aí que entram as adaptações curriculares, é através delas que os alunos vão passar a serem vistos como indivíduos capazes de acompanhar o conteúdo. Para que isso ocorra com sucesso é necessário que o professor esteja disposto a perder esse olhar, a ver que cada aluno é diferente um do outro, e que por tanto, cada um possui o seu tempo e que é o professor quem deve se adequar a esse tempo, assim o professor procurará trabalhar com aquela turma da melhor maneira possível.

Por tanto, o fato de na maioria das vezes o aluno com necessidades educacionais especiais apresentar dificuldades no aprendizado, não significa que ele não é capaz e sim, que ele não possui as mesmas oportunidades de aprendizado de seus companheiros de sala de aula. Pensando nisso é que foi criado o Projeto de Extensão “Inclusão e Diversidade Humana: Vivenciando Linguagens”. As adaptações confeccionadas neste projeto visam atender as mais diferentes áreas de necessidades especiais como: deficiência física; intelectual/mental; múltipla; auditiva e dificuldades da comunicação oriundo de quadros de transtornos invasivos do desenvolvimento.

Através desse projeto podemos concluir que as adaptações curriculares realizadas pelos professores nas instituições de ensino constituem para um espaço de desafio para todos os envolvidos no processo. Beneficiam-se das adaptações curriculares os alunos com necessidades educacionais especiais, pois tiram dos “ombros” deles os “mitos de alunos fracassados intelectualmente”. Ganham também os seus colegas porque aprendem novas estratégias e formulas de resolução de problemas e através da interação da diferença e a força da solidariedade entre as pessoas e percebem também que seus colegas são capazes de aprender o conteúdo didático, basta que ele real tenha uma oportunidade de aprendizado. O professor se torna assim uma pessoa mais crítica, criativa, dinamizador, pois é desafiado durante todo o ano letivo a agir no papel de transformador, de pesquisador ativo. Ele aprende assim a obter novos mapas de estratégias e formas de resolução de problemas e interação através das diferenças presente em seus alunos e a força da solidariedade entre todas as pessoas presentes nesse processo. Beneficiam-se também os demais professores e toda a comunidade escolar ao perceberem a possibilidade de estruturação de conhecimento daqueles alunos que na maioria das vezes não tiveram a real possibilidade de acompanhar os conteúdos didáticos apresentados pela instituição de ensino em que se encontram.

Referencias bibliográficas:

Projeto Escola Viva - Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola - Alunos com necessidades educacionais especiais – Adaptações Curriculares de Pequeno Porte, nº 6. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. C327 2000. I 96p.: il.

Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LEI 9394-96. Disponível no site: <http://www.etfce.br/Ensino/Cursos/Medio/Lei.htm>. Acessado no dia 16 de set. de 2008.

Site do MEC – SEESP (Secretaria de Educação Especial). Disponível no site: <http://portal.mec.gov.br/seesp/>. Acessado no dia 16 de set. De 2008.